A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

NUMERO 29 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

AS CREANÇAS E O MAR

(Desenho primoroso de Raquel Roque Gameiro Ottolini, a grande ilustradora das creanças).

Acaba a Camara Municipal, por intermedio dum dos seus mais prestigiosos elementos, o vereador sr. Alexandre Ferreira, de levar muitas centenas de creanças a fazerem uma cura de banhos. Esta pagina evoca esse delicioso prazer da beira-mar, bemdizendo o nobre gesto que proporcionou a muitas creanças pobres de Lisboa, o que apenas as ricas tinham até aqui.

Pag. 2
O DOMINGO ilustrado
ANO I — N.º 29
LISBOA 2 DE AGOSTO DE 1925
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

écos

Alguem

Afonso Lopes Vieira é um dos escriptores cuja dignidade literaria está mais alta. Numa terra de habilidosos das letras e de «Clonws» da literatura, a arte clara, nobre, de directriz continua e fulgurante, que é a do auctor do «Paiz Lilaz, Desterro Azul», constitue um exemplo que cumpre apontar sempre aos que começam para que por ele moldem a sua atitude de escriptores.

Vêm estas palavras a proposito, já tardio, da publicação da «Diana» de Montemor, em cuja fisionomia mais uma vez se revela a completa personalidade de esteta e de escriptor, que existe em Afonso Lopes Vieira.

Dias... a dias

Vão começar os dias d'isto e mais os dias d'aquilo!!!

Já se anunciam o dia da flôr, o dia da creança, o dia das misericordias, o dia do bombeiro, o dia dos hospitaes, etc. etc.

Como se vê largos dias estão para vir... massar toda a gente e arrebanhar uns contos de reis a favor de umas instituições, muito simpaticas é certo, dignas de toda a nossa consideração e respeito, mas que parece, a sua instituição é a base de quantas contribuições o impostos o Estado delibera lançar sobre nós. Sim, porque não nos parece logico que pagando nós o que pagamos, ainda seja preciso fazer subscrições para sustentar estabelecimentos que são obrigatoriamente subvencionadas pelo governo. E das duas, uma. Ou os impostos, contribuições e demais alcavalas, vão para outros sumidoiros, ou a essas instituições não ha didheiro que chegue.

Inclinamo-nos para a essa hipotese, e n'isso cremos que estamos dentro da logica.

O que não está certo é essa procissão de dias que se está anunciando. A não ser que se realise tambem o «Dia das Pessoas que concorrem para todos os dias»...

Profissionaes de imprensa

Temos sido muito solicitados para varias reuniões de semanarios de Lisboa, afim de intentar alguma coisa que dê garantias aos que trabalham nas publicações periodicas.

Merecem-nos toda a consideração esses Ex.mos Colegas que se interessam pelo facto, mas ha que distinguir entre semanarios de grande circulação e tiragem como «A B C» e «Domingo ilustrado», e uma infinidade de periodicos de semana que não podem estar nunca em identicas circunstancias perante a questão do profissionalismo de imprensa.

L'Exportateur Français

Recebemos o monumental orgão de grande publicidade que é publicado pelo comercio e pela industria de França. Por ele o grande comerciante e industrial português fica a par do mercado francês, sendo portanto não só util mas imprescindivel em toda a boa casa comercial a companhia, o conselho e o guia, do «Exportador francês» cuja agencia geral é na Rua Luciano Cordeiro, 46, 4.º D.

FORTE RAZÃO

—Vamos meu menino! Mostre lá a lingua!
—E' o mostras! Hontem fiz isso ao meu prefessor e ele deu-me uma bofetada?

Má língua

AGUAS...

Tornou-se n'um costume inveterado
em quem tem «pés»... «de meias» bem formadas,
—ou em quem, de orçamento rebentado,
se não resigna a usar meias medidas...—

procurar neste tempo os falsos ermos
—cheios do mal de que a cidade enférma!
E, preparado um enxoval em termos,
ir beber agua chôca n'uma therma.

Dizem até que as jovens incasadas
nunca inspiram ternuras tão patheticas
como junto das fontes sulphatadas
radio-activas, lithicas, diureticas.

Por mim, não gosto dessas maravilhas
nem lá vou aliviar a minha mágua;
que m'o perdoe o pae de tantas filhas,
(se acaso for marido da Mãe d'Agua.)

Aguas!? Pois se em Lisbôa é que elas moram
todo o ano, todo o mez, e todo o dia!
Abundantes, nos olhos dos que choram.
Escassas, nos sifões da Companhia.

Basta ver com que anciosas illusões
numa ambição de sensações estranhas,
tantos vão aos cafés, por uns tostões,
ensarricar-se de agua de castanhas.

Basta ver o prazer com que os gatinhos
num fervoroso miar apaixonado,
desdenhando pisar outros caminhos
correm as quatro aguas de um telhado.

Basta ver como alguns, nesta hora critica,
ladeando em alta escola as rectas curvas,
empunharam a canna da politica
filando as «póstas» entre as aguas turvas.

Basta ver como alguns que se insurgiram
contra o dominio vil daquelles «sórnas;
só uma triste mistura conseguiram,
de aguas de bacalhau com aguas mornas.

Basta, emfim, ver que a vida que nos dão
estas horas tristonhas e apagadas,
é um bordejar sem vento de feição
num oceano sem fim de aguas passadas...

TAÇO

questão prévia

A cronica de hoje não é minha. Foi-me fornecida por um amigo, entre Caxias e o Cais do Sodré, naquele comboio que traz um carregamento de empregados de escritorio, de ambos os sexos, com os lanches em malinhas de mão e saudades nas almas, saudades das praias feitas de azul e ouro, que durante algumas horas vão trocar pela aridez desolada do «Caixa», do «Diario», e do «Razão» e doutros livros que ninguem lê por gosto.

* * *

Como quem volta de muito longe, de andar perdido no labirinto dum sonho, o meu amigo perguntou-me, indicando, com um gesto vago de cabeça, uma mulherzinha loura e pequenina, que era nossa «vis-a-vis» na carruagem:

—Vê esta mulher?

—E' «ela»?

—Não. Foi «ela»!... Ha quatro anos que eu a adorava, em silencio, porque são mudas todas as adorações.

—Como se chama?

—Não sei! Eu chamava-lhe Miss Strabica... E a proposito: se alguma vez contar estas coisas em letra de imprensa escreva estrabico sem «é». Era assim que eu lhe representava o nome, na imaginação.

—Miss Strabica... Ingleza, portanto...

—Foi!...

—Como assim?

—Durante os quatro anos que a adorei ela foi para mim uma encantadora miss, com um estrabismo que lhe dava uma graça especial aos olhos de porcelana lavada. Mas desde ha pouco, desde Paço d'Arcos, ele deixou de ser para mim a deliciosa inglezinha que eu gostava de encontrar todos os anos, quando trago os pequenos para a praias e me sacrifico, por causa do linfatismo da prole, a esta estopada diaria de comboio e embrulhos de compras. Era um amor romantico, um amor á antiga e a prestações. Durava Julho, Agosto e Setembro. Durante o resto do ano, era-me grato pensar que viria encontra-la neste comboio da dez, fresca na sua blusa branca, fresca nos olhos claros e na pele vistosa que o sol nã o córa. E apetecia a caricia do seu olhar serio, a que o estrabismo dá um arzinho agarotado e travesso.

«Talvez não queira crêr, mas fiz-lhe versos. Sim, meu amiho, fiz-lhe um sonêto, laboriosamente martelado em três noites... Leio nos teus olhos uma extranheza natural... Eu, um conceituado comerciante da nossa praça, um homem casado, a fazer versos d'amor... Ah, meu caro, o comercio não consegue fazer murchar em nós aquela delicada flôr de sentimento, que é talvez a unica qualidade espiritual e terna que faz absolver os portuguêses de todos os seus torpes defeitos. E depois, devo prevenir-te, os versos fôram feitos naquêlas três noites que antecederam o laborioso nascimento do meu pequenito mais novo. Eu não podia dormir... E sirva-me de expiação o declarar-te que o parto do meu sonêto não foi mais facil que o do pequenito.

E o meu amigo, durante um momento, guardou silencio, um silencio dolorosamente pontuado de suspiros. Ela, a loura miss Strabica, passeava o olhar incerto, risonho-serio, pelos companheiros de viagem, candidamente ignorando aquela tragedia intima que aparentemente era calma e fumava com um ar de indiferença. Eu, que sentia a meu lado o latejar da dôr duma desilusão, arrisquei uma consolação timida e desastrada:

—Então, meu amigo!... Um homem é um homem!...

—Pois é—volveu ele, com imensa tristeza—mas tambem uma miss deve ser sempre inglesa e esta não o é...

—Mas tem a certeza disso?

—Absoluta... Foi em Paço d'Arcos, que adquiri essa certeza mortal. O revisor entrou, aproximou-se dela, pediu-lhe o bilhete. E ela, sem sotaque estrangeiro, com um desembaraço e uma correcção que para mim fôram como punhaladas, respondeu ao funcionario: «Já lho mostrei!» Não, meu amigo, não é miss, é só estrabica. E como a perda duma ilusão nos abre logo os olhos para mais dolorosas desilusões, entre Paço d'Arcos e Caxias verifiquei que ela usa na mão direita uma aliança de casamento e, olhando-a contra a luz, notei-lhe uma penugem na face que só se encontra em queixos de miss que deixam de o ser por fôrça das circunstancias ou da edade.

—E agora, que tenciona fazer?

—Não sei. Talvez passe a vir noutro comboio, talvez escreva outro soneto... Tanto mais que tudo se proporciona, porque minha mulher, segundo informações autorisadas, está para me dar, em breve, um novo herdeiro.

* * *

O comboio chegou ao Cais do Sodré. Despedimo-nos.

comentarios

Ideia luminosa de um arraial saloio

Mesmo aqui ao pé da nossa porta, estão-se fazendo umas obras, onde a inteligencia, o zelo, o amor pelas nossas coisas e demais palavriado patriotico, apanha cada sacão que é de pôr os cabelos em pé.

A junta da paroquia das Mercês, uma bela noite acordou com uma ideia sublime. Acendeu a vela e, para se não esquecer, assentou a lapiz mesmo na pedra da meza de cabeceira.

No dia seguinte, cheia de orgulho com a feliz ideia, rapa de uns mólhos de canas, meia duzia de barrotes, uns tantos mastros de bandeira e vá de transformar a explanada de São Pedro de Alcantara em arraial saloio, com coreto para a musica, barraca de rifas e chalet de bebidas frescas.

Faz-se uma vedação com as canas para ninguem poder admirar o arraial sem pagar a entrada e... a Camara Municipal de Lisboa, a quem compete amputar as luminosas ideias das juntas de freguezia, aplaude, consente que um canavial venha vedar a «touristes» e não «touristes» um dos melhores pontos de vista da cidade e, segundo nos consta, toda a vereação prometeu ir lá no dia da abertura, comprar uma rifa na Kermesse.

E depois, se um jornal extrangeiro diz que em Portugal nasceram oliveiras em logar de bananeiras, á que Deus que tivemos Aljubarrota e que Camões foi um grande poeta!

A festa dos 3 jornais

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a noticia que noutro lugar publicamos àcêrca do grandioso espectaculo cheio de excepcionais atrativos, que terá lugar no mês de Agosto corrente, no Teatro S. Luiz.

DESCONFIANÇA

Diz-me Luizinho: Quando este senhor fôr mau, dá-lhe açoites na cabeça?

O que se lê

Torre de Babel—por Fidelino de Figueiredo, (Lisboa, 1925).

E' já um lugar comum afirmar que um novo livro de Fidelino de Figueiredo marca uma nova «étape» gloriosa da sua fecunda vida literária.

Fidelino de Figueiredo—o proficiente mestre de história da literatura pátria, a quem a minha geração deve o inestimavel favor de lhe ter facilitado a aprendizagem duma dificil especialidade erudita até então obrigada ao convívio de tediosos volumes—encontra-se presentemente n'aquele momento luminoso em que as qualidades mais dominantes e pessoais do escritor atingem a suprema acuidade. Dificilmente irá mais longe, quanto a lucidez de exposição, a prodigalidade de ensinamentos á serenidade e equilibrio da argumentação. A prosa de que se serve o seu bem humorado didactismo—desviando para assuntos calmos e para um ambiente literário de elevado desinterêsse, a atenção distraida e a mórbida sentimentalidade dos que, á falta de sã leitura nacional, usam e abusam dos manjares estrangeiros—, é limpida e benéfica como a água cantante duma fonte milagreira.

Constituido por belos artigos de critica literaria e por uma curta mas substanciosa conferencia sobre o sentido actual da obra de Julio Denis, o novo livro de Fidelino de Figueiredo faz lembrar, até pelo primitivo destino das crónicas, que foram escritas para jornais brazileiros, alguns dos mais valisos volumes que Maria Amália Vaz de Carvalho subscreveu. O estudo, que julgo inédito, sôbre Venceslau de Morais, o homem que trocou a sua alma de ocidental pela de algum requintado «daimio» do Japão, é o melhor e creio que o único guia que encontrará quem pretenda conhecer o que tem sido o «orientalismo» como tema de escritores portugueses. O pequeno artigo sôbre a estada em Portugal de Jeronimo Monetarius contem informações bem pouco divulgadas acêrca dum dos mais antigos e talvez do mais interessante dos relatos de viagens ao nosso país, feitas na Idade Media. «Maneiras de vêr o mar» é um completo bosquejo critico sôbre tôdas as obras portuguesas modernas, desde os «Anais» do almirante Quintela aos «Pescadores» de Raul Brandão, que teem o mar por altivo protagonista.

Mas a escassez de espaço obriga-me a não lembrar mais dessas paginas de que guardo saudade. Limito-me a acrescentar que o volume «Torre de Babel» merece o feliz nome que lhe deram, não porque nele reine qualquer confusão—visto ser constituido por artigos que, embora não tenham seqüência, formam um todo bem único, quanto á beleza da forma e da directriz espiritual que os inspirou—mas porque em relação aos livros do momento, se encontra na situação predominante em que estava para as outras torres, aquela gigantesca torre da Biblia que aspirava chegar ao céu.

Tereza LEITÃO DE BARROS

BOA INDICAÇÃO

—Vinha ver se tinham encontrado o cadaver de um amigo meu que se suicidou hontem!
—Tinha algum sinal particular?
—Sim senhor! Falava sete linguas!

Crónica alegre

Apontamentos para um Manual de Civilidade

AS VISITAS

(Das visitas em geral e em particular)

VISITA chama-se ao acto de ir asilar para casa de outra pessoa. As visitas teem diversos aspectos, a saber:

Visita de nupcias.
Visita para jantar.
Visita para saber coisas.
Visita de pezames.
Visita particular para tratar de assunto que só interessa a duas pessoas.

Visita de núpcias

As visitas de núpcias fazem-se indo

a casa dos recem-casados dar os parabens pelo enlace. Depois do—então como está?—pergunta-se confidencialmente ao esposo:—então que tal?—e à esposa pisca-se o ôlho. Depois pergunta-se se já está encomendado algum herdeiro e indica-se o nome duma senhora que tem nas ombreiras da porta diversas cruzes brancas em campo preto.

Visita para jantar

Ao entrar diz-se sempre que não se quer incomodar e que se se soubesse a que horas jantavam só se tinha aparecido mais tarde. Em seguida, depois de muito instado, senta-se á mesa e come-se a sopa, dizendo sempre que está muito boa. Depois, se a seguir é um prato de que se gosta muito, diz-se—só um bocadinho!—e estendendo o prato, disfarça-se, conversando para o lado, afim de a dona da casa julgar que se está distraído e deitar bastante do petisco. Depois diz-se—Oh! tanto! Eu não como isto tudo!—e desata-se a comer como um desalmado. Quando não se gosta do pitéu, tira a própria visita a fim de pôr no prato a mínima porção possível. Quando aparece um prato que ainda não conhecemos, espera-se que todos provem olhando-se para a cara dos demais convivas a fim de se saber a impressão que faz. Caso apareça um prato que não se sabe como se deve comer, uza-se o mesmo processo.

Quando se leva crianças deve dizer-se que elas em casa são outra coisa, que estão extranhas, etc., coisas que desculpem o mau comportamento dos pimpolhos.

Visita para saber coisas

Éstas visitas são da especialidade das senhoras. Deve entrar-se dizendo que passou na rua e se lembrou de subir, ou então que havia constado que a pessoa a quem se visita, estava doente. Diz-se mal da vida, do tempo, de tudo, mas não se toca no que se quer saber a fim de aparentar indiferença. Só depois é que a pouco e pouco se pergunta o que se quer saber.

Visita de pezames

Veste-se uma pessoa de preto, mas de preto que não distinja por causa das lágrimas e entra-se na casa da pessoa visada, pensando na carestia da vida, numa conta a pagar ou em outra coisa igualmsnte triste, a fim de se ficar com um parecer compungido.

Depois chega-se á pessoa enlutada e diz-se—Sinto muito!—Era um grande carácter!—Morre tanta gente que não faz falta!—e outras barbaridades do mesmo quilate. Em seguida senta-se a visita a um canto levando de vez em quando o lenço aos olhos. Se é preciso mostrar as lágrimas embrulha-se um bocado de cebola no lenço. Depois, assim que se apanha a geito a

pessoa que está de luto, chega-se ao pé dela e diz-se entre soluços, que se podem motivar com quatro sôcos na barriga—Desculpe-me, mas eu era quási seu irmão! Não tenho alma para estas coisas!—e vai-se rapidamente, livre da estopada.

Visitas em particular para tratar de assunto que só interessa a duas pessoas

Estas visitas requerem cuidados especiais, porque às vezes o diabo é surdo e não ouve a campainha da porta. Se a pessoa que faz a visita pertence ao sexo feminino, deve levar um veu

se é do sexo masculino, deve descalçar as botas no começo da escada e subi-la, em palmilhas de meia por causa da visinhança. Uma vez a visita entrada, tratam o que teem a tratar, sempre com o ouvido à escuta, e no fim da conversa, sai-se como se entrou, tendo o cuidado de olhar sempre para traz não ande alguma cacetada perdida pelo ar e venha «aterrissar» sôbre o fôrro do chapeu.

GARANTIA

—E o doutor acredita que ela se cura?
—Homem! Se seguir á risca as minhas instrucções nas suas mãos está o remedio . . .

Sports

BOX

Criqui-Nilles — Rosa Brito e Camarão no Stadium

UM BELO TRIUNFO DE CAMARÃO... AO NATURAL

O publico não foi ao Stadium, apezar de todo o reclame. Quer dizer, foi mas não entrou... Uma cadeira de «ring» por cem mil réis é caro, uma bancada, o mais lateral possivel, por trinta, tambem não é barato. Estamos de acordo em que o espectaculo é carissimo, simplesmente Lisboa não é ainda cidade para poder suportar espectaculo de tal pêso.

OS COMBATES

Brisset, uma bôa classe francesa, obriga Pires Guerreiro a agarrar-se ás cordas e a só as largar quando o arbitro delibera desclassifica-lo por falta de combatividade. Guerreiro ainda apelou para um sôco baixo, fez toda a deligencia para convencer o publico que isso tinha acontecido, mas foi pouco feliz no argumento.

Rosa Brito, um português que joga, pôs K. O. ao 5.º «round» Brevieres, um francês que bate bem e joga com classe.

Rosa Brito mostrou-se bem. É rapido, tem classe e sobretudo, sabe o que está a fazer. De entre os jogadores portugueses actualmente em combates é o unico que joga alguma coisa, e, quando dizemos alguma coisa não queremos desprestigiar Rosa Brito.

Se bem que Brevieres tenha dirigido o combate, a esquerda de Rosa Brito incomodou-o bastante e, embora tivesse alguns sôcos bons, regulares de classe e preciosos em technica, não poude suportar a combatividade de Rosa Brito que é calma mas segura, oportuna e sem efeitos para a galeria.

O «crochet» com que Brevieres foi á lôna (tapete chamam-lhe alguns dos nossos criticos, aparentando uma miopia lastimavel) foi bom, rapido e nitido. Parabens a Rosa Brito que, repetimos, em nossa opinião, é o melhor jogador português.

Criqui brinca com Mario, aproveitando-o para uma magnifica exibição da sua extraordinaria classe. Á parte meia duzia de aficionados, o publico não entendeu nada. Achou graça a que Mario caisse e desse um salto, que Criqui lhe batesse nas laterais do ôsso sacro; mas da extrema rapidez do campião, dos seus olhos previligiados, da sua oportunidade de ataque e defeza não entendeu patavina.

Camarão, um gigante de corpo e força, obriga os segundos de Nilles a lançar a toálha. Nilles jogou, Camarão bateu, Nilles deu quantos poude, Camarão apanhou quantos lhe deram.

E' certo que Camarão está melhor, não tem já aquela guarda idiota que aprezentou, tenta bater onde deve, mas está ainda muito longe de jogar o box. Nilles teve meia duzia de «crochets» bem metidos, tentou jogar, mas fracassou diante d'aquela parede de dar murros. Porque a verdade é esta, Camarão tem extraordinarias condições fisicas, mas não joga o box. Bate e leva com muita força mas, não se iludam os que o julgam capaz de se medir com Dempsey (!!) No dia em que encontrar um pezado que, com mais pratica faça o mesmo que Mahieu, isto é, que jogue a distancia e lhe evite o jogo parado, Camarão, a não mudar de conhecimentos, é vencido com facilidade. Dizem-nos que Journée lhe anda ensinando box, realmente como já dissemos, Camarão aprezentou-se melhor. Oxalá não se julgue já uma estrela do ring porque, se aprender, pode, com as condições fisicas que possue, ser alguma coisa no mundo do box.

CROCHET

O NOSSO CONCURSO DE FOOT-BALL

Cezar de Matos, o inteligente avançado centro de «Os Belenenses acaba de obter um extraordinario numero de votos.

N'esta ultima semana, o distinto jogador quasi tomou a dianteira a Jorge Vieira e Francisco Vieira, os jogadores mais votados. Damos a seguir alguns nomes de eleitores, não podendo publica-los todos por absoluta falta de espaço.

Raul Silva
M. Buttuler.
M. Soeiro.
Valentim Correia.
Mario Gomes
Alberto Fino.
Anibal Marques.
Miguel-Arcanjo.
Maria C. Marques.
L. Camacho.
J. Gomes.

Qual é o jogador de foot-ball mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

Eleito: ....

Eleitor: ....

CAMPO PEQUENO

HA tres domingos consecutivos que as portas da primeira praça do paiz se conservam fechadas pelo motivo, dizem, do «Foot-ball» que prejudica as touradas quanto á concorrencia.

N'uma epoca de touros e com a temperatura excelente, sem escassez de materia prima e abundancia de aficionados, chega a constituir, não direi um crime, mas o maior dos factores para a decadencia das touradas em Portugal a falta de organisadores de corridas de touros, que só muito pela certa arriscam os seus capitaes.

Por aquele criterio, quando se anunciasse luta no Coliseu, as outras casas de espectaculos teriam de fechar as suas portas, da mesma forma como os campos de Foot-Ball deixariam de fazer jogo nos dias de touradas quando estas garantissem uma casa cheia no Campo Pepueno.

Cada espectaculo tem o seu publico e se de facto o Foot-ball desloca meia cidade quando o jogo é de grande interesse, uão menos concorrencia aflue ao Campo Pequeno, desde que as corridas de touros sejam bem organisadas, como inumeras vezes temos visto esta praça a trasbordar de publico.

Dizem ainda os promotores de touradas que estes espectaculos não dispensam «espadas» de cartel e não ha facilidade em os adquirir, mesmo a grande peso de pesetas, pelo motivo dos seus contratos em Hespanha lhes tomarem todos os domingos.

Conclusão: O nosso toureio está dependente do Foot-Ball e das grandes sumidades hespanholas, como se não tivessemos elementos de sobra para satisfazer os mais exigentes, preferindo fechar a Praça do Campo Pequeno aos domingos, a dar corridas com a prata da casa.

Está bem; vão continuando a manter esse criterio e depois digam que estão falidas as touradas em Portugal.

Por hoje, ficamos por aqui.

ZEPEDRO

CAMPO PEQUENO

CORRIDA NOTURNA

PROGRAMA

1.º touro para—José Casimiro
2.º » » —Custodio e Crespo
3.º » » —Manoel Casimiro Junior
4.º » » —O espada

INTERVALO

5.º touro para—Ricardo Teixeira
6.º » » —José Casimiro Junior
7.º » » —O espada
8.º » » —Plá Flores e Procopio

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

CALDAS DA RAINHA

No dia 15 de agosto realisa-se a abertura da epoca taurina nas Caldas da Rainha, sendo lidados oito touros puros de Faustino da Gama.

Toureiam a cavalo o profissional João Nuncio e o amador José Tanjanho, a lide de pé está confiada aos bandarilheiros Alfarero, Luciano, Muñoz Crespo, Carlos Moreira e Ivo Borba. Os forcados são da vila e teem como cabo o valente Firmino Cesar.

Colhidas graves

Em Bordeus. o espada Freg foi furado no ventre, e em Malaga foram feridos os espadas Pastoret, Corcito, Torquito, o bandarilheiro Nino de la Audiencia e picador Navarro.

ALGÉS

Realisa-se hoje n'esta praça a festa artistica do bandarilheiro Luciano Moreira, com o seguinte progama:

1.º touro Rufino com Luciano a duo
2.º » João Nuncio
3.º » Alfredo e Custodio
4.º » João Nuncio
5.º » Luciano (a sós a ferros de palmo)

INTERVALO

6.º touro Rufino (a ferros curtos)
7.º » Luciano
8.º » João Nuncio
1.ª vaca Carlos Moreira
2.ª » Ivo Borba

Os toiros destinados á lide a cavalo serão toureados nos tres tercios, a pé, a cavalo e pegados os que o director ordenar.

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

Para os nossos pobres

Transporte	39$00
Xitomla	$50
Um homem errante	4$00
Antonio Aramluro	1$00
Jacob	1$00
A transportar	45$50

Cinemas, teatros e circos

A REABILITAÇÃO DUMA PEÇA DE TEATRO

Porque caíu *O FOGO SAGRADO* Eduardo Schwalbach

Um curiosa carta sobre o assunto

Ex.mo Senhor.

Acho que o «Domingo ilustrado» poderia tratar, pela sua indole especial, casos que na grande imprensa não podem ocupar espaço. E, como nas tardes de domingo costumo lé-lo, venho-lhe escrever esta carta, com um desses assumptos. Eduardo Schwalbach, meu velho amigo, auctor de dezenas de peças notabilissimas pelo seu engenho, e mais do que isso, pelo seu pitoresco caracter tão nacional, é desde ha muitos anos, a nossa figura mais completa de construtor de teatro.

O glorioso e genial artista do «Poema de Amor» teve, ha tempos, no Trindade um grande revez: o Fogo Sagrado.

A peça caiu pelo publico e pela critica. Porquê? E' a peça mal construida, ilogica, falha das eminentes qualidades que caracterisam todo o teatro schwalbaquiano? de forma nenhuma.

A peça caiu pela horrivel «moldura» que lhe foi dada, sem embargo de se terem gasto rios de dinheiro, para a montar. E tomemos por «moldura» todo o artificio, de a maquinaria á scenografia e á mise-en-scène,

Quando o auctor, tendo inteligentemente procurado dentro duma intendade dramatica meter um grande efeito scenografico como o do fogo da fabrica, o que resultou? Uma coisa ridicula que fez gargalhar a plateia.

Quando o auctor quiz dar, com tanta novidade, a intenção entre a vida scenica e a vida real, no camarim de artista o que resultou? Outra coisa ridicula que tornou a fazer rir o publico.

O que se conclue daqui? Que o publico não distingue nunca, num espectaculo, a parte de responsabilidade do auctor dramatico. O publico, e mais do que este, a propria critica, vêm o «espectaculo». Agrada ou não. E uma peça vai para baixo ou para cima, segundo os acasos da mise-en-scène e de representação.

A peça o «Fogo Sagrado» fica bem no teatro de Schalwalbach, porque é uma obra tocada da garra de um verdadeiro mestre da linguagem scenica e da emoção dramatica. Leiam-na. Abstraiam a horrivel montagem que lhe deram na Trindade, e verão.

Não assigno estas palavras porque não quero que se suponha que lisongeio alguem com especial sentido.

X.

o momento teatral

Quando ha um ano subiu á scena no Nacional a peça «Os dois garotos», referiu-se a imprensa á maneira impecavel como Ilda Stichini desempenhou um da «travesttis» que dão o nome a essa obra teatral.

Em verdade, a individualidade artistica de Ilda, sobejamente apreciada em «ingenuas» dramaticas e de comedia, apareceu n'aquele genero de papeis, com a mesma pujança e brilho.

Novamente o pitoresco melodrama é levado á scena no nosso primeiro teatro, e de novo Ilda vae mostrar as suas raras qualidades e fazer lembrar a opinião lisongeira que mereceu o seu trabalho, e que nós, n'um sincero culto de amor pela Arte verdadeira não queremos deixar passar sem o nosso apoio.

A festa dos 3 jornaes

SERÁ O MAIOR ACONTECIMENTO TEATRAL QUE SE TEM REGISTADO

A grandiosa festa dos 3 jornais que temos vindo anunciando será a grande nota do proximo mez de Agosto em Lisboa.

Será a noite
DA MAIOR ALEGRIA
para o que basta dizer que durante a ceia americana e baile que se segue ao espectaculo, se farão ouvir em numeros de music-hall e variedades

José Ricardo
Nascimento Fernandes
Chaby Pinheiro
Estevam Amarante

que cantarão á desgarrada e á guitarra versos ineditos dos nossos melhores poetas, constituido pares com as actrizes

PALMIRA BASTOS
ILDA STICHINI
LAURA COSTA
CREMILDA D'OLIVEIRA

Alem destes numeros sensacionais

Guilherme Street Coupers

cantará canções excentricas em inglês, em que é inimitavel e nas quais obtem sempre um exito colossal.

Representar-se-ha um acto destinado ao maior sucesso

uma peça pelos 3 irmãos Cunhas

JOSÉ
GASTÃO
E RUY ALVES DA CUNHA

Alem da grande conferencia de Matos Sequeira sobre a historia da canção e da cançoneta em Portugal, exemplificada pelas nossas primeiras figuras de teatro, representar-se um acto intensissimo

UM ACTOR Á VOLTA COM SEIS PAPEIS

original de Leitão de Barros, e interpretado por Lucinda Simões, Alexandre de Azevedo e Mario Duarte.

Terá ainda lugar a representação unica duma farça de Felix Bermudes Ernesto Rodrigues e João Bastos, representado só por criticos de Sport e de Teatro, e pelas actrizes Maria Matos e Luz Veloso.

Entram nesta peça.

Nogueira de Brito
Dr. Horta e Costa
Ribeiro dos Reis
A. de Campos Junior
Candido de Oliveira

Está pois destinada ao maior exito a festa dos 3 jornais cujos detalhes do programa e novos numeros iremos dando aos nossos leitores, em primeira mão.

cá por dentro

—A opereta «O menino do Castelo» em ensaios no Apolo, é original de Lourenço Rodrigues e Xavier de Magalhães.

—Luiz Bravo, já restabelecido da doença que o afastou do palco, reapparecerá no proximo inverno, n'um dos nossos teatros de genero alegre.

—Foi contratada para o Eden-Teatro a actriz Honorina Cruz.

—Ingressou no elenco do Apolo o actor Antonio Gomes.

—A empreza do Eden-Teatro não poude aceitar a proposta do actor Alvaro Pereira, para a proxima epoca de inverno.

—O Teatro de São Luiz será explorado no proximo inverno por uma companhia de comedia e farça, dirigida por um conhecidissimo actor do genero.

—Parece que Antonio Macedo já não explorará o Teatro Aguia d'Ouro do Porto.

—Para o Eden foi contratado o actor Armando Machado,

—Para o mesmo teatro foi contratado o maestro Vasco de Macedo.

—Deixou de fazer parte da companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho a actriz Maria Emilia Mendonça que ingressará n'uma companhia de revista e magica.

—Partem brevemente para a America do Norte a cantora Raquel Barros e o tenor Alves da Silva.

—Parece que a revista «Ditosa Patria» vai ser explorada em sessões no Teatro de São Luiz.

II Festa do Fado

O grande acontecimento da ultima semana, foi sem duvida, a sensacional noticia de que o artista e poeta Antonio Boto, tomaria parte na «II Festa do Fado», cantando versos á guitarra.

Todos os detractores do notavel poeta das «Canções», que tão discutido tem sido, terão oportunidade para ouvir uma das vozes mais expressivas e mais nostalgicamente portuguesas.

Antonio Botto, que se estreia tambem como escritor teatral, escreveu um episodio em 1 acto «O Triste Fado», drama de vicio e de paixão, segundo uma recente tragedia desenrrolada na Moiraria.

Os scenarios que são novos e feitos expressamente para este espectaculo são pintados pelos scenografos Luz e Almeida, segundo «maquettes» do distinto pintor Jorge Barradas; e devem causar ruidoso sucesso.

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão queria do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora divette em numeros novos e sempre repetidos.

S. Carlos — Fechado temporariamente.

S. Luiz — Fechado.

Salão Foz — As maiores atrações de Music-Hall.

Avenida — O «Lodo» de Alfredo Cortez com Adelina.

Politeama — Enchentes com o Leão da Estrela da Parceria, com Chaby.

Eden — Admiravel espectaculo. A grande revista de André Brun. «A cidade onde a gente se aborrece.»

Nacional — Grande companhia, «Tio de Minh'alma» com José Ricardo e Ilda Stichini.

Apolo — A operets «O Moleiro de Alcalá» com Emila Fernandes.

A TRAGEDIA DOS SEM-LAR

N'uma cidade dum milhão de habitantes, ha 0 camas para os que não tem casa!

A minha [...] Albergue Nocturno [...] noite entre os miseraveis de L[...] suas historias, os seus cri[...] suas penas.

Dois dos nossos redactores: «O Homem que passa» e «H. R.», os habituais cronistas das nossas novelas, e que tanto publico têm pelo pitoresco e curioso estilo das suas narrativas, feitas sempre ao sabor dos nossos costumes e dos nossos tipos, foram até ao Albergue Nocturno de Lisboa, onde estiveram durante algumas horas da noite, e onde fizeram a curiosissima reportagem destas paginas, conversando com as varias figuras que passam nas pequenas novelas-sinteses.

Em vez das duas novelas de fantasia damos hoje um ramalhete de episodios verdadeiros. O leitor que passe os olhos por estes artigos, poderá pulsar a miseria imensa que lavra em Lisboa.

Um monte de farrapos humanos, entre os quais o HOMEM QUE PASSA, que em pequena conversa foi apanhando os pormenores da vida de cada e aqui os relata.—(Cliché Ferreira da Cunha).

LEITOR: vês este grupo terrivel, alinhado como numa fila de «fauteils» donde se disfructasse o mais terrivel espectaculo?

São os que esperam a vez para entrar na enxovia da noite, no lugubre Albergue Nocturno de Lisboa, num velho casarão pombalino ali aos Poiais de S. Bento. Quando a meia luz do lusco-fusco da tarde cae sobre as casas da cidade, é já longa e triste a bicha humana á larga porta da entrada.

Um molho de trapos, de farrapos humanos, desgrenhados, chaguentos e hirsutos, estaciona, pestilento—massa de suor e esterco—á portaria antiga do «lar-de-todos».

E que somatorio de infinitas tragedias não é esse desenrolar de victimas—sonambulos da noite—á entrada do albergue publico!

Vem comigo, leitor tranquilo. Anda confundir-te com este amalgama sofredor do pôvo. Perde por um momento a tua comodidade habitual, a tua cama alva, e vê a escória ultima da sociedade. Quando voltares, depois, á tua vida, senti-la-has melhor, se tiveres como ponto de referencia esse marulhar infame de lôdo e de miseria que se pressente, ao lusco-fusco, á hora azul da cidade, á porta do velho casarão do Albergue Nocturno, ali aos Poiais de S. Bento, aqui a dois passos...

* * *

Vês esta primeira figura sentada, que te olha alvarmente, num sorriso meio idiotia meio cinismo? Queres a sua historia em duas linhas? Então ouve-a: 48 anos. Tuberculose e sifilis. Quando tinha saúde e era um tronco vigoroso e forte, descarregava carvão. Hoje, apodrece aos bocados pelas docas da Ribeira e de quando em vez, quando a nortada é mais rija e a febre estala a boca, vem aos «feijões» do Albergue. Três prisões por furto e cinco por vadiagem. Feridas pelo corpo e feridas pela alma. Uma saca ao ombro por mobilia e por roupa.

Com um bocado de vinho pode matar um homem.

Não tem moral, não tem ideias, não tem principios. Tem sempre, mais ou menos, uma coisa apenas: fome!

* * *

Vês esta outra figura, casaco claro, novo ainda, um ar de tragedia passando no olhar?

Uma historia simples. E' um desertor da armada. Duas facadas num grumete por causa duma mulher e fugiu para o monte dos descalços para escapar ás justiças regulares do Limoeiro, ao fresco da «parreirinha». Anda á gandaia pelo Aterro, e carrega a sardinha para os barracões.

Tem um irmão rico — prefere o Albergue a pedir-lhe uma telha onde passe a noite. Andou aprumado e bem posto. A farda ficava-lhe bem. Tinha um sonho de felicidade e dois cordões de oiro de ganho quando ficou nas sortes. Mas a vida dá muita volta. «São todas o mesmo» e vai dahi ela meteu-se com o grumete, o 1091, que entrou no 14 de Maio, e se julgava alguem. E ele traçou-o, tirou-lhe uma orelha quasi. Ela morreu, êle é um velho de trinta anos, doente. O grumete encontrou-o—e em tal estado que uma noite teve dó dele e deu-lhe para ir dormir. O 1901 não merecia aquilo e aquelas facadas são o fel da sua vida...

* * *

Conhecem, sentado, com a tranquilidade de quem está em sua casa, o «Evaristo dos terremotos»?

Pois está sentado ao fundo, de chapeu para traz.

Foi tipografo. Vinho, uma parelisia no braço esquerdo, um «tumor frio», —«a coxa» como ele chama á mão—é que o não deixa «voltar á arte».

Mas, lá em casa, ás vezes entretem-se. Se não fosse essa sucia de vigaristas fazia uma «coisa em grande», porque não lhe falta habilidade.

Já gravou em madeira umas cedulas de tostão que andaram três mezes como boas, mas como não deu sociedade a um condutor das electricos que lh'as passava, o patife denunciou-o.

Quem quer habilidades vae ter com êle. Tem casa a Campolide e só fica no Albergue quando vem á baixa, ás compras. Concerta relogios e ultimamente tem feito mobilias de bonecas. Coisas para entreter porque a historia dos «papeluchos azues» é que era negocio, mas não se pode fazer nada porque é tudo uma corja»...

* * *

Veio para Lisboa como um morto, aos doze anos. Apareceu nos degraus da Estação do Rocio, nem se sabe como. E' de ao pé da Pampilhosa e um vagão de cortiça trouxe-o, de noite até Chelas. Ali saltou para um comboio de Vila-Franca e no Rocio o revisor deu-lhe nm sopapo e pô-lo fóra da gare.

Experimentou então de tudo. Conheceu o peor, o mais baixo e o mais sordido da Rua, desde as abnegações dos miseraveis ás abjecções dos hipocritas. E foi seguindo aos encontrões.

Quiz ser tudo e não foi nada. Pedia trabalho e davam-lhe esmola. Por fim encolheu os ombros e foi dormir para o sol. Conhece Lisboa como ninguem. Sabe onde se dorme ao fresco, e onde, de noite, se está agasalhado da chuva e do vento. Sabe que no outono são lindas e tranquilas as furnas de Monsanto, que agora em Agosto, o jardim do Cais do Sodré á noite é uma esplanada de casino.

Sabe que no Terreiro do Paço, á boca da noite se podem apanhar umas batatas da descarga das fragatas e que na Ribeira, na lavagem da sardinha ninguem nega algumas a um velho descalço.

Numa volta pelos barrações do mercado, surge o tempero: um tomate esborrachado, duas cebolas perdidas numa valeta. E, a caldeirada aparece, sobre o esterco da Ribeira, ao lume duns papeis velhos e das aparas dum barco em contrução...

E vive-se assim em Lisboa...

* * *

Mas, analisa ainda, leitor, esse homem á tua direita. Dir-se-hia uma figura arrancada a uma tela tragica de Zuloaga, e no entanto, aqui em Lisboa, esse desgraçado chama-se simplesmente o «Torcato d'Alfandega» e é descarregador de terra e mar. Meio larvado, a vida aparece-lhe como um pesado fardo—uma daquelas sacas de cebola que parece que lhe quebram os rins, quando as deita sobre o dorso.

A vida que para os outros tem tantas «nuances» e tantos contrastes, para êle resume-se com toda a sinplicidade num numero de sacas a descarregar. Nada mais. Sacas pesadas, vida má. Sacas leves, vida boa. Muitas sacas—vida rica. Não ha sacas, fome!

No dia em que não poder carregar mais, ficará como um fardo inutil abandonado na rua, e a sociedade humana na qual viveu, prestar-lhe-ha a unica homenagem a que ninguem se furta: dois palmos de terra para não apodrecer ao sol.

E são assim os miseraveis de Lisboa!

São aqueles que de dia, em plena cidade, se estiraçam pelos degraus da Estação do Rocio e pelas escadas do Teatro Nacional. Aquelas figuras tetricas que já não ha em nenhuma capital civilisada e que Lisboa ainda ostenta, como tragico expoente de miseria e de inferioridade.

AMIGO: Entra, não tenhas receio. Ao verniz dos teus sapatos não se péga a imundice que cobre estas mulheres. Não têmas: Hoje, a sua raiva de vencidas já não existe. Vergaram a a cabeça ao destino, tratam apenas de viver os dias que lhes restam.

Pouco se lhes dá que as olhes e observes; já não são mulheres, são apenas uns restos de vida que esperam a morte indiferentemente. Bocas descarnadas, bocas sinistras onde as palavras se escondem adormecidas, não temas que insultem a tua curiosidade! Olhos fechados de luz, sumidos como morcegos á claridade alegre da vida, não lhes tenhas receio, já não veem, olham apenas! E já brilharam de amor! E aquelas bocas que te causam nojo, amigo, já foram beijadas sofregamente, doidamente, n'uma grande ancia de paixão!

Escuta:

* * *

Veio ainda nova servir para uma casa de Lisboa. Tinha dezoito anos e o seio arfava-lhe opulento, o vermilhão das faces parecia estoirar de côr. Era, na visinhança da casa, a menina cubiçada de quantos lhe ficavam a ver o andar donairoso e alegre.

Um dia a patrôa soube de tudo, mandou-a fazer a mala e sahir, arrastando o marido para uma terra da provincia. Meses depois entrava no hospital. O filho nascia morto e ela nem sequer o viu.

Doente, passou fome e privações até que uma Agencia a colocou em Bemfica, numa casa respeitavel. Seis meses depois saía e foi viver com um alugador de carroças que, passados tempos, a moia de pancadas quando embriagado recolhia a casa. Viveu assim dez anos.

Envelheceu, as côres das faces fôram apagadas pouco a pouco pelo alcool que aprendeu a beber, na vida torturosa em que tinha caído.

Um dia... depois de levarem o cadaver do hemem, uns homens de negro vieram fazer o inventario. Havia dividas. O leilão mal chegou para fazer calar os mais assomadiços.

Naquela noite recolheu-se num portal porque a chuva era muita. Habituou-se depressa á desgraça de pedir esmola. Ás vezes, quando os guardas a afugentam das portas, vem para aqui, para o albergue.

Hoje nem já se lembra que foi bonita, que viveu, que beijou alguem! É aquela de lenço claro que fechou os olhos ao clarão do magnesio...

* * *

Quando o marido seguiu para o degredo, porque o Alfredo fundidor morrera das facadas, ela já estava cançada de chorar. As lagrimas que cairam no peito do que partia na leva, fôram as ultimas que os seus olhos fôscos, escondiam ainda.

Pensou em ir ter com ele. Procurou trabalho. Andou a dias num labutar de grilheta, conhecendo casas e maus modos, desgostos e miserias.

Um dia, quando ia a meio de uma escada que esfregava, ficou tolhida para sempre. Foi á consulta dos pobres no hospital, calcurriou dias e dias para o Banco do Hospital, onde os medicos tratavam por tu as suas farripas brancas e a examinavam de mau modo.

Deixou de ser um estorvo na bicha dos infelizes que pedem a esmola de um remedio. Deu-se a fazer recados, mas trôpega, com as pernas moidas de reumatismo, sem fôrças, poucos lhe dão um encargo.

Não sabe que foi feito do marido e ás vezes, no colchão duro do albergue, ainda sonha com ele... Olha, é aquela segunda do banco...

* * *

Repara nessa outra que te fita apalermada com grande vontade de te pedir contas da sua miseria.

Tem um filho que deu em ladrão e está numa das enxovias do Limoeiro.

Alimenta-se das sobras do rancho que dão ás portas dos quarteis. Vive do que lhe dão em casa de uns e outros onde vai fazer bruxedos reles. É mestra na arte de deitar cartas e defumar roupas...

Todos os tostões que arranja são para o filho que, ao falar dela diz:—A minha velha!—

Já tem estado presa á conta do filho que por vezes, quando tinham casa, uma pocilga infecta lá para os Terramotos, cheia de gatos e de porcaria, ía esconder os roubos entre a trapagem suja que por lá existia. Dizem que tem mau olhado.

* * *

Vê agora se essa outra que aí está com uma ranchada de filhos é capaz de te olhar fixamente! Não tentes, seria inutil! A desgraça tolheu-lhe todos os sentidos.

Acompanhou o homem com quem vivia á vala do Alto de S. João, tres dias depois de ele estoirar, despedaçado por uma barrica de oleo, no convez de uma fragata.

Nem ela nem as creanças teem sono. Veem aqui só para beber o caldo que distribuem aos que cá veem dormir.

Fome sim! Fome cruel, torturante, que faz pensar em mortes e tira a luz dos olhos! Fome que queima tudo cá por dentro, faz ranger os dentes de raiva e amaldiçoar a vida e todos!

Ás vezes por um pedaço de pão que tu deixas indiferente sôbre a toalha adamascada da tua meza, por essa migalha que a tua saciedade engeita, por esse resto que tu olhas com fastio, seria capaz de te cravar as unhas nos olhos, de te arrancar a carne da cara aos pedaços!

Amigo! Tu sabes lá o que é ter fome!

* * *

Olha aquela que da porta, num sorrisinho desdenhoso, te olha de cima a baixo, examinando-te.

Pois por ela já um homem meteu uma bala na cabeça depois de deixar um amigo estendido com um tiro á traição. Tragedias!

Tem passado horas horriveis, negras e infindaveis!

D'uma vez a chuva era incessante, cruelmente feroz. Os automoveis passavam abrindo redemoinhos de lama que a salpicam toda, no escuro patamar de pedra.

O frio obrigava-a a encolher-se mais dentro do farrapo que lhe servia de chaile. Não podia dormir porque a frialdade da pedra lhe penetrava os ossos como uma faca afiada.

Passou a patrulha. Deram-lhe um encontrão:

—Não tenho onde dormir!

—Vá para o Albergue!

—Já lá fiquei trez noites! Não me dão mais!

—Aqui não pode estar!

E ela lá foi, encostada ás paredes, encolhendo-se em si propria, a tiritar de frio, escorrendo agua e lama.

Subito não poude mais e estatelou-se n'uma poça enorme da rua. Para ali esteve sem acordo e quando voltou a si, achou-se n'uma enxovia de esquadra, de mistura com mais duas mulheres que cheiravam a vinho. No dia seguinte mandaram-na embora e ela... continuou a triste vida...

Um tragico grupo de mulheres que esperam a vez de entra na camorata e cujos os dramas de miseria H. R. ouvíu e conta nesta pagina (Cliché Ferreira da Cunha)

* * *

Viste amigo? Mal sabes tu que emquanto vives e lutas, emquanto as madrugadas te despertam ancias de ambição, almas ha que não vivem, que se encolhem para ahi, sem eira nem beira, roendo amarguras, n'um calvario que não finda, anonimamente, indiferentes áqueles que não teem direito de os deixar existir...

Decifrações do numero passado:

Charadas em verso: Séquito, Atrocidade, Arrepio, Firmamento, Pisamansinho, Maremoto.

—

CHARADA EM VERSO

Meu caro amigo Rei Mora.
Como não quero passar
por ingrato, ou malcreado
eis-me aqui a desejar.

que a festança *ad hoc* armada,
em honra do *corpoferario*,
faça de si um zaranza
apenas imaginario.

E, d'entre estas penedias, ... 2
—sou um ser que anda perdido—
resolvo, apenas, dizer-lhe 3
que lhe estou reconhecido.

REI-FERA

CHARADAS EM FRASE

Quando receber a féria de Tomar, compro uma lembrança para oferecer ao «Africano» . . . . 1-1.

REI-FERA

Pára! vae devagar se queres ter prestimo . . 1-2.

PATO E BIGAS.

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

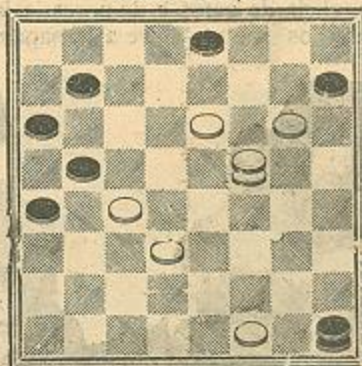
—Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saida dos respectivos numeros.

Solução do problema n.º 27

	Brancas	Pretas
1	23-26	30-23
2	15-18	22-15
3	13-17	31-13
4	2-20	13-2
5	3-7	2-11
6	20-7-21-30-19-10	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 28

Pretas 1 D e 6 p.

Brancas 1 D e 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 26 os srs. Antonio Nené Junior, Armando de Campos, Artur Santos, Barbas de Albuquerque, Fa-Mi, José Brandão, José Magno, José dos Santos, J. Carmo, KI-LO., Sarapico, Sargentos do 2.º B. S. C., Um oficial (Foz do Douro), e Joaquim Cavaleiro, que nos enviou o problema hoje publicado.

Tambem resolveram o problema n.º 25 os srs. José Magno e um oficial (Foz do Douro).

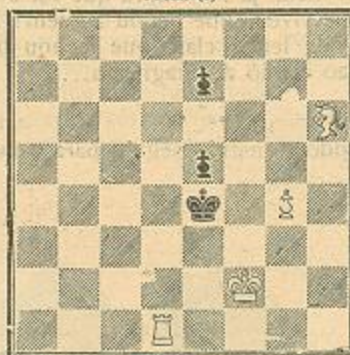
—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», *secção do Jogo de Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 28

Por A. Loveday

Pretas (3)

Brancas (4)

As brancas jogam e dão mate em três lances.

—

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 26

1 T 4. R.

O seu tema é de sacrificio oferecido ao Rei e outras peças pretas, de fuga com captura com auto intercepção das Pretas e mate pregado. Bateria branca.

O «Echiquier Marseillais» organisa com «Le Soleil» de Marselha um concurso internacional de problemas directos em dois lances sobre o seguinte tema:

Problemas ineditos, com sete peças o maximo, devem ser de bloqueio completo de um dos quatro generos seguintes (ou apresentando uma combinação dos quatro generos): bloqueio completo com mates mudados; bloqueio completo com mates acrescentados; bloqueio completo com mudança de casas de fuga; bloqueio ameaça.

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

Esposas de ricos—Um bom, bom, bom film, sem brilho que deslumbre, mas sólido e bem construido. House Peters é sempre um grande actor, se bem que seja mais humano e grandioso nos rusticos. Claire Windson, deliciosa empolgante por vezes.

Os emigrados—Boa produção da casa Sweuska com interpretação e algumas fotografias admiraves, argumento fraco.

O Fecho da novela—Um máu film que nem parece de Sessue Hayakava.

Mendiga de São Sulpicio—Continua a afirmar a «classe» de enscenador de Ch. Burguet.

Cléo e Francezinha—Mãe Murray e está dito tudo. Estilização de atitudes, excentricidade e excentricidade, tudo mascarando um pouco o real talento de que «Blasco Ibañez» chamou «a maior de todas».

Julio Cesar—Este film marcou uma época na cinematografia. Esta reedição é um bem para a historia da scena muda: Amleto Novelli, perdido ha pouco para a arte, era sem duvida, o maior actor latino de cinematografia.

ÉCRAN

DUVIDA

—Meu Deus! Qual seria a tripa que se me rompeu!

SARAU

No dia 8, no S. Luis, realiza *O Orfeon Academico de Lisboa* um interessante Sarau, com numeros orfeonicos e varias surprezas, entre as quais a «Ceia dos Fadistas» pelos estudantes Carlos Chabi, Antonio Pagino e outros.

Entre os orfeonistas ha a distinguir Miguel de Almeida e Ayala Boto, solistas de largos recursos vocais.

Folhetim do «Domingo Ilustrado» N.º 9

CAPITULO VII

SEMPRE A SUBIR

AS minhas exigencias arreliavam toda a companhia. Certa noite, convidaram-me para um passeio a Algés. A hora da partida era a mesma do espectaculo. Não estive com delongas. Faltei ao espectaculo e fui para a praia.

O caso fez grande escandalo, o José Climaco fez sobre a questão um grande discurso na A. C. T. T. diante de uma assembleia geral de dezeseis socios e mais o Victor, continuo—barbeiro, cosinheiro e compadre—a classe aprovou uma moção de desconfiança mas o Erico, puxou por todas as presilhas, bateu no peito, levantou os braços e foi aprovado o contrario.

Em paga de eu ter faltado ao espectaculo, a empreza mandou dizer á claque que, sempre que eu entrasse no palco estalasse uma ruidosa salva de palmas. Dias depois impuz ao director de scena que não trabalhava com a Zulmira Miranda emquanto ela não tirasse as mãos das algibeiras e isso, valeu-me um aumento de ordenado para quinze contos mensaes, toilettes pagas e uma salva de vinte e um tiros sempre que entrava no teatro.

Apareceu-me então o sr. Galhardo que me propoz uma «tourneé» ao Brasil. Eu iria ganhar mil e duzentos contos, teria um vapor só para mim, poderia levar dez damas de companhia, duas primas, uma tia, trez cunhadas e cinco creadas. Iria a fazer todos os principaes papeis. Aceitei e no dia seguinte assinei o contrato.

Um mez depois embarcava para o Rio de Janeiro, com uma companhia com o meu nome. A' despedida tirei varias fotografias para a revista De Teatro, e tudo quanto era gente de palco me desejou feliz viagem.

CAPITULO VIII

NO BRAZIL

A bordo pouca coisa se deu que valha a pena mencionar. Liguei-me ao capitão do navio, dias depois, ao telegrafista, na segunda semana ao medico, etc. O Santos Carvalho afirmava que qualquer dia o barco iria sem governo porque eu tinha engulido toda a tripulação. O Henrique Alves, que não perdoava o eu não lhe ligar nenhuma, desafiou-me para jogar o «bluff» e ganhou-me trinta libras. Até que uma bela tarde, entrei na Bahia do Rio.

Que espectaculo! Que maravilha de paisagem e que acolhimento tive! Um grande cortejo do pessoal que por lá fica a... governar a vida, esperava-me no caes. O sr. José Loureiro tinha mandado todos os secretarios com cornetas e o Mario Pedro fazia partes, oferecendo-me o braço. Foi uma apotheose!

No dia seguinte debutei no Lirico com a revista «Truca-truca».

Foi uma noite em cheio!

Tão em cheio que, quando entrei para fazer o meu terceiro numero, não estava ninguem na sala!

Extranhei mas o Honorina Cruz explicou-me que no Brazil, quando uma actriz agrada muito, os espectadores vão-se embora cheios de inveja e que acontece mesmo, quando se agrada de mais, eles nunca mais voltarem.

No dia seguinte li os jornaes. Todos diziam mal, graças a Deus!

Um afirmava que a companhia era uma lastima que as emprezas já tinham tempo para acabar com aquela vergonha de levar sempre os mesmos elencos, os mesmos scenarios rotos, o mesmo guarda-roupa esfrangalhado, e a meu respeito afirmava que eu não valia nada, que era mais uma «blague», etc.

Outro jurava que se eu continuasse a representar, a policia não podia responsabilisar-se pelos nervos de cada um, e um terceiro aconselhava-me a ir esfregar casas!

Em vista d'isto, impuz á empreza que me fizesse uma festa de homenagem e me oferecesse uma medalha comemorativa e toda em brilhantes.

Démos cinco espectaculos no Rio sempre com casas á cunha de falta de espectadores e depois fomos para São Paulo e Santos, onde sucedeu o mesmo.

Como faltavam trez mezes para acabar o contrato, metemos em «tournée» para o interior e então ahi é que a empreza fez fortuna!

Começámos por Mato Grosso. Depois de andarmos quize dias por mato virgem, estreiamos n'uma tribu de guaranys que nos fizeram uma grande festa!

E foi ahi, entre gente não civilisada, no meio de espectadores quasi nús que eu tive o maior sucesso da minha vida!

Findos os espectaculos levaram-me ao colo e chamaram-me «Tali-tatu-mavé»—o que quer dizer na lingua da região: «Endiabrada divete»

Ao fim de quinze dias regressamos ao Rio. Fomos para o Republica mas, dois dias depois, recebeu-se um telegrama do sr. José Loureiro disolvendo a companhia.

Dias, depois embarquei para Lisboa. A minha despedida foi comovente. Não estava ninguem, a não ser uns donos de pensão pedindo-me para lhes pagar umas contas que alguns meus colegas tinham ficado a dever.

(*Continua*)

RESPOSTAS A CONSULTAS

AMÓRA.—Força de vontade, amor á sciencia e a todas as artes, habilidade manual, bons versos e boa saude. Habitos de trabalho, um pouco impulsivo mas sempre dominado pela cabeça... Bom coração por idialismo, amor á humanidade, ambição mas não por egoismo. Sensualidade fortissima.

JEMAR.—Imaginação viva exaltada, espirito complicado e complexo, caracter impulsivo e energico. Bom gosto artistico, amor ao estudo, ordem (mas não no que respeita a dinheiro). Vaidade intima, fraze ironica.

PEDRO DE LISBOA.—Originalidade, intuição, caracter vivo, nervos fortes e... cerebro calmo e pensador (!) Neurastenia, bom e mau, já pensou muita vez no suicidio. Rajadas de bondade em que é capaz, não de dar a metade da capa como São Martinho, mas a capa inteira! Boa inteligencia mas impaciente, pouca vaidade mas muito orgulho.

ZACARIAS. — Força de vontade, intuição, diplomacia, tem a aparencia de um homem franco porque esconde muito bem o que pensa. Gosta de dançar e apaixona-se facilmente. Trato corretissimo, amor ao dinheiro, sensualidade, pouca generosidade, inteligencia para a vida.

PEQUENINA. — Inteligencia, desconfiança, bom coração quando a não contrariam, Ordem, calma e bom juizo dos homens e das coisas. Generosa sem prodigalidades, muita força de vontade e pouca vaidade.

PICÓLOIDE. — Caracter energico e impaciente, alto conceito de si proprio. Boa imaginação e gosto para tudo, Ordem e habitos de trabalho, bom para os outros e maú para si. Um tanto poeta, sensual e apaixonado.

JOANINHA.—Vulgaridade, bom gosto, vaidade e espirito... quando diz mal da vida alheia. Grande sensualidade, generosidade, impulsiva, amor ás flores e á musica, desigualdades nervosas. Caracter dominador e energico.

BEATO.—Muitos nervos bem dominados e boa memoria. Inteligencia fina e subtil, não diz a ninguem o que pensa. Gosta do dinheiro pelos prazeres que ele lhe propociona. Trabalhador, ativo, trato afavel e amor ao estudo e á musica. Bom gosto, amor pelos seus e grandes condições para triumfar na vida.

ERNESTO.—Habitos de trabalho, bôa assimilação, bom diplomata quando quer (mas não quer muitas vezes). Gosta de dançar e por vezes é muito creança, é otimista porque julga os outros bons. Generoso sem prodigalidades, gosta do conforto, de todas as mulheres e é valente.

HERMANO.—Intuição, trato fino e afavel e um ponco de egoismo. Espirito religioso, nervos em extremo sensiveis. ideias complicadas, gosta de pensar e de estar só. Amor á musica, sensualmente cerebral, pouca vaidade e desconfiança.

1091 E UM.—Vaidade infantil, bom coração, impulsivo e generoso, está sempre pronto a fazer um favor. Tem grande prazer pela leitura. é um tanto romantico e apaixona-se faclimente. Tem boe memoria e não pensa muito nas coisas antes de as fazer.

MASCOTE. — Vulgaridade, habilidade manual, amor á familia e trato muito afavel. Lealdade, alguma vaidade feminina, ordem, caracter sonhador e imaginativo. Um pouco pessimista talvez por esperar alguma coisa que jamais chegará....

SEMPRE EM PÉ. — Caracter impulsivo e influenciavel, mas abandona rapidamente as influencias para voltar a ser o que era. Generosa e dedicada, bons nervos, e boa saude, e boa inteligencia para aprender tudo quanto quer. Amor ao pouco trabalho, é por vezes ironica, para fazer espirito mas arrepende-se por bom coração. Amavel, ordenada, em resumo, uma bôa pessôa como era preciso haver muitas...

D. PEVIDE III.—Boa vontade á custa de muito a dominar. Habilidade para tratar os outros. Reservado, otimista, muita sensualidade e desconfiança. Amor á musica, ironico por vezes, moral e materialmente ordenado.

TRISTEZA.—E' artista mas não por temperamento. Muitos caprichos e muita creancice. Agradavel em pessoa e no trato, grande prazer na dança, gosta de versos e é generosa. Está sempre pronta a fazer um favor, é terrivelmente sensual e dedicada. Quer ser reservada mas não pode.

FANTOMAS. — Vaidade moral e material. Amigo do seu amigo. impaciente, impulsivo, um pouco frivolo, mas... tem dentro qualquer coisa seria. Generoso, amavel, bôa administração, domina bem os nervos e é um tanto religioso.

NERO. — Esperteza para os negocios. Forte sensualidade, inteligencia pouco desenvolvida, bom coração e ordem. Gosta de quadras populares... Comove-se facilmente sem ser um ridico sentimental.

ADORO UM LUIZ — Caracter inquieto e mudavel, um pouco vingativa e ordem desordenada. Principio de doença nervosa, espirito religioso, ideias independentes, caracter dominador, boa memoria. Força de vontade tenaz, distinção e ambição.

FERNANDO DE MEDELE—Muitos nervos grande imaginação e facilidade de palavra. Intuição, ironia, amor á discussão. Chega por vezes a desesperar-se porque nem a si proprio se comprehende. E generoso e não faz nada serio na vida.

Queria ser religioso mas a razão natural não lh'o consente,

UM QUE AMA UMA ALICE—Imaginação viva e exaltada. Muito irritavel custa-lhe muito a dominar-se. Amavel, ondenado, administra-se bem e tem grande amor ao estudo. Ideias muito independentes, reserva, economia e discreção.

MARIA FARRARI—Destinção, habitos de leitura, força de vontade e instinto dominador. Ideias largas e pessoaes, muito orgulho de si propria, imaginação. Otimismo, sentimento de poesia. Gosta de romances de aventuras.

JOÃO PEQUENO—Agrecividade, energia inteligencia clarissima. Resoluções prontas e firmes, por vezes inquietações espirituaes. Bom gosto, amor á estetica, pouca vaidade. Gosta da pintura, e um pouco poeta... em prosa.

PASCUELA—Boa força de vontade, bom gosto artistico, sentimento de poesia. Habilidade manual, reserva, vaidade intima. ordem, aceio moral e material. Boa imaginação, habitos de conforto, sensualidade e amor á musica. Gosta por vezes de discutir.

MARIA DA GRAÇA—Leia a analise anterior.

ZITA—Ispirito religioso, boa diplomata quando quer. Não é muito meiga por temperamevto, juizo claro e justo. Generosidade muito bem entendida, sensualidade forte mas muito bem dominada. Instintos dominadores. Nervos fortes.

AICRAG—Muita imaginação, movimentos graciosos e trato agradabilissimo. Gosta muito de dançar e tem algo de creança. Gosta de versos slmples e populares.

MANUEL DE NASCIMENTO—Boa força de vontade, trato afavel, pensa muito nas coisas antes de as fazer. Sensualidade forte, é generoso... para a galeria... Excelente memoria, espirito religioso.

JOÃO SEM NOME—Um pouco de creança, é muito bom no fundo, impulsivo e otimista. Franco e leal, gosta de tudo quanto é bonito. Nada filosofo, mas muito humano. Boa memoria e amor pela dança.

A DAMA ERRANTE

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para «*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Relação Explicativa

HORIZONTALMENTE

1—altar 2—pronome plural 3—rio da Azia 4—atreve-se 5—idioma antigo 6—ter fé 7—nota de musica 8—encargo 9—perversa 10—planta flexivel 11—parte da circumferencia 12—dispendiosa 13—onde estou 14—peçam 15—anagrama de som 16—animal damninho 17—anagrama de ais 18—incensavas 19—deus mythologico 20—azêdo 21—muito 22—pedes 23—artigos 24—rio da Azia 25—filho (de animal) 26—operetta 27—instrumento de lavoura 28—libertas 29—aqui 30—espaço de tempo 31—queixume 32—pédem 33—esmago 34—luz pallida 35—ensejo.

VERTICALMENTE

1—contracção gramatical 3—terminação verbal 6—conjuncto musical 12—parte do homem 13—pisa 16—via de comunicação 24—villa portugueza 26—apellido 27—parque automovel 36—loiros 37—artigo 38—pronome latino 39—celebre escriptor 40 na musica 31—zanga 42—instrumento homicida 43—duas conjuncções 44—offerta 45—egualar 46—mudes o nome 47—ligara 47—nome de mulher 49—rio 50—misterio 51—só essas 52—para conservar os pastos 53—lamento 54—nos rios 55—fogava 56—patrão 57 para segurar a guita 58—animal.

Decifrações do numero anterior

HORIZONTALMENTE

1—comer 2—pecam 3—amava 4—Paulo 5—mira 6—arme 7—até 8—var 9—tal 10—sistematica 11—orate 12—pedia 13—amiga 14—asar 15—edaz 16 donaire 17—aio 18—ata 19—Mario 20—pisar.

VERTICALMENTE

1—camas 2—pp 8—Vera 12—param 21—omitires 22—mares 23—Eva 24—rã 25—e a a 26—curti 27—almacega 28—moela 29—lama 30—rata 31—toiro 32—temer—33—dador 34—idear 35—aziar 36—não 37—na 38—iap 39—ia 40—ta.

Meu velho Hylario Pereira

Vila do Conde

A sua carta endereçada para *O Domingo Ilustrado*, veio decidir-me a uma grata ocupação para estes mezes de ferias.

Fala-me v. em ir passa-los para ahi, na vila ridente e tranquila e em reabrir o meu consultorio. Se não fosse a impossibilidade de abandonar Lisboa, talvez me convencesse...

... De mais, já não exerço clinica. Fiz-me velho. E os medicos precisam das energias dos trinta anos, quando não se conhecem canceiras, quando se batalha para se crear nome e fortuna.

Mas se a minha longa experiencia alguma coisa vale, eu d'este cantinho, manterei as antigas consultas. Fale aos amigos de ha uns bons vinte anos e eles aqui me encontrarão ao seu dispôr, como de resto esta secção fica ao serviço de todos os leitores de *O Domingo Ilustrado*, absolutamente gratis para toda e qualquer consulta.

Por agora, deixe-me responder ás suas perguntas:

1.ª—O dyspeptico não deve beber ás refeições mas sim entre elas. A quantidade maxima de agua, litro e meio por dia. Nada de vinho ou cerveja.

2.ª—A agua não debilita. Os atletas bebem agua.

3.ª—Só tem a lucrar com a medicação dos saes calcicos. O seu estomago dar-se-ha admiravelmente. Experimente a «Nucleocalcina» que é a unica formula nacional que merece confiança absoluta é tão boa ou melhor que o producto similar extrangeiro.

Indica-se a «Nucleocalcina» tambem nos casos graves de fraqueza e até na tuberculose. Ao cabo de 2 ou 3 dias de medicação, renascem as forças e o apetite; o doente em breve retomará as suas ocupações habituaes.

4.ª—O seu pequeno precisa tomar «Fermento d'uvas Formosinho». E' o melhor especifico furuncular que é o caso d'ele. E como é preparado com o succo puro da uva e não com caldos de malto-peptana, como as imitações que se encontram no mercado, é efficasissimo nas dyspepsias, enterites, doenças da pele e intestinos.

Dá forças e apetitte e é agradabilissimo ao paladar.

Até á primeira.

DR. XISTO SEVERO

P. S. A administração agradece qualquer quantia enviada para os pobres deste jornal.

Actualidades gráficas

NO TEATRO

CINEMA

WILLIAM DUNCANS, o popular «stor» americano, cuja ultima producção, o film em séries «Luctas de ambição» será em breve estreado no Cinema Condes.

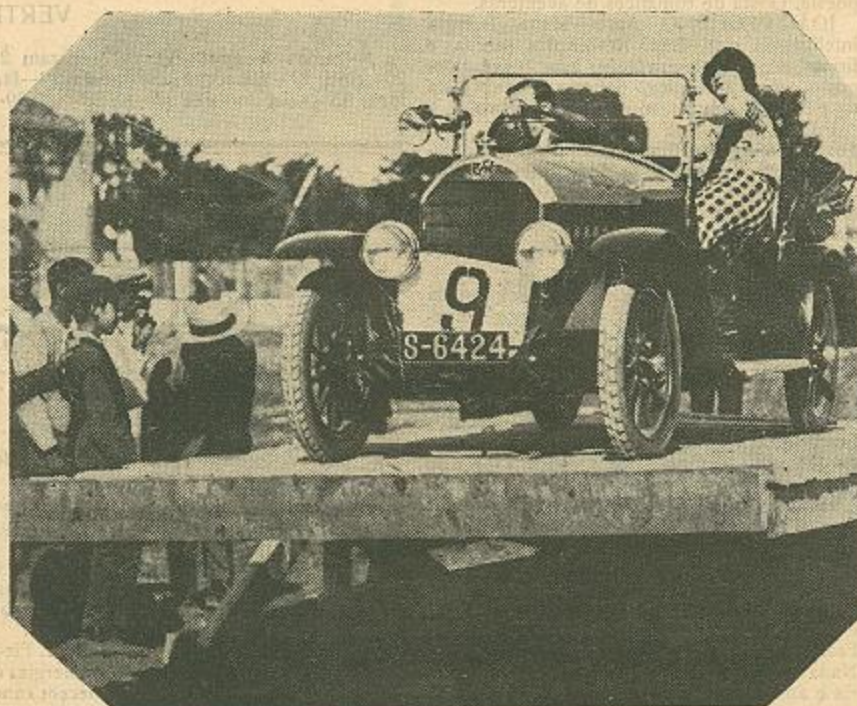
MARIA DE LOURDES CABRAL, *a grande cantora e formosissima «vedetta» do Eden que na magnifica peça* A Cidade onde a gente se aborrece *tem imensos numeros de grande realce.*

CINEMA

CHARLIE CHAPLIN (Charlot) o genio da cinematografia cujas super-producções «O peregrino» e «Dia de pagamento» são exclusivas dos programas de Castelo Lopes Ltd.ª

ENGENHEIRO ARTUR ALVES DOS REIS

Figura iminente nos nossos meios coloniaes e financeiros. E' á sua iniciativa que se deve a formação do novo Banco Angola e Metropole om séde em Lisboa, e filial no Porto. Em redor da sua personalidade, estão cotados nomes financeiros e politicos.

Gimkana de automoveis em Palhavã

O distintissimo «sportsman» Sr. Carlos Morris e Miss Smith cujo percurso foi muito emocionante um explendido modelo F. N. em equilibrio sobre a prancha. (Cliché Ferreira da Cunha).

A FESTA DOS 3 JORNAES

LUIZA SATANELA. A ilustre estrela da opereta portugueza, colaborará na festa em organisação. Mais uma razão forte para o sepectaculo ser brilhantissimo.

PUBLICIDADE

ATENÇÃO!...

NÃO HA CALÇA ELEGANTE SEM FITA

"UNIC"

Maravilhoso invento inglês

Conserva sempre o vinco das calças. Nunca mais desaparece! Não faz joalheiras. Resiste a todas as grandes molhas. Economisa muito dinheiro. Não estraga a fazenda das calças. Conserva sempre a linha recta e elegante. Dá distinção. Evita o aspecto de pobreza e de abandono. NÃO É PRECISO VOLTAR A PASSAR A FERRO.

Preço de reclame: Fita para uma calça, 7 Escudos

PARA A PROVINCIA FRANCO DE PORTE

CALÇA SEM "UNIC" — CALÇA COM "U O"

Depositarios:—MAISON BLANCHE—ROSSIO, 16

SALÃO AMERICANO

ABRIU NO DIA 16 ESTE AMPLO SALÃO DE BILHAR COM TODOS OS CONFORTOS MODERNOS

Serve-se Cerveja e Café

Preços resumidos

AO CONFORTAVEL SALÃO

LARGO DO REGEDOR, 7

FABRICA DE MALAS, ARTIGOS DE VIAGEM E CORREARIA, DE

Joaquim Pereira Monteiro

11, PRAÇA JOSÉ FONTANA 11-A
45, AVENIDA CASAL RIBEIRO, 47

Nesta casa fabrica-se toda a qualidade de malas, carteiras e bolsas para senhora

Visitem os meus estabelecimentos

TELEFONE NORTE

Não se iludam

Usem o conhecido e precioso sabonete **CRÉME CALDAS SANTAS**, de L'AGUIAR, descobridor e ex-concessionario da «Agua Caldas Santas», autor e proprietario de todas as formulas dos productos **CALDAS SANTAS** e **LUCY**. Frizar sempre a palavra **CRÉME** para não confundir com o sabonete **CALDAS SANTAS**, confusão que não se deseja. Á venda em toda a parte.—Deposito geral: BRAZILIAN FLORA, Rocio, 73, 1.º—Telefone Norte **4829**.—Requisitem o livro descritivo scientifico.

PASTA DENTIFRICA **CALDAS SANTAS**

RESTAURANT

Castelo dos Mouros

PARQUE MAYER

Variações de toques de guitarra pelos distintos guitarristas

JULIO CORREIA E CESAR

TODAS AS NOITES

ABERTO TODA A NOITE

SAPATARIA CAMONEANA

CALÇADO DE LUXO

FABRICO MANUAL. QUALIDADE IRREPREENSIVEL.

VISITEM O NOSSO ESTABELECIMENTO

R. CONDE REDONDO, 1-A, 1-B

(AO BAIRRO CAMÕES)

ATRACÇÕES PELAS MAIS FORMOSAS ARTISTAS

Dancing—Orchestra Gounod

Das 5 da tarde ás 5 da madrugada
TODOS OS DIAS NO

Alster Pavillon

38, Rua do Ferregial, 40

UNICO CABARET ARTISTICO DE LISBOA—CAFÉ, CERVEJA, WHISKIES, COCKTAILS, LICORES, ETC.

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS

"CONTESSA NETTEL"

CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.

GARCEZ, L.DA

Rua Garrett, 88

TRABALHOS PARA AMADORES

QUERE CONHECER ALGUMA COISA DE ESTILOS DE ARTE? LEIA OS ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE DE LEITÃO DE BARROS

4.ª edição á venda.

O DOMINGO

ILUSTRADO

Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

BREVEMENTE A

A Novela do DOMINGO

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE:—LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA:—LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE:—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL:—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL:—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.

INDIA:—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA:—Macau.

TIMOR:—Dilly.

FILIAIS NO BRASIL:—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA:—LONDRES 9 Bishopsgate E—PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS:—New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10
ESTRANGEIRO
ANO, 64x64 - SEMESTRE, 32x32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

A Tragedia dos Sem-Lar
No Albergue Nocturno de Lisboa

Numa cidade de muitos milhares de habitantes, ha 50 camas para os que não têm lar! A'queles que possam ajudar a cruzada bemdita de dar um abrigo aos que o não têm—ao sr. Governador Civil que é o *pai da pobreza*—aqui dedicamos este quadro de desoladora miseria.

Lêr dentro a grande reportagem sobre os MISERAVEIS DE LISBOA por dois redactores deste jornal que passaram parte da noite no Albergue